

**António José Borges: *Peito à Janela sem Coração ao Largo*.  
Lisboa: Theya Editores, 2019, 128 pp.**

*Maria Luísa de Castro Soares (UTAD)*



*Peito à Janela sem Coração ao Largo* é um livro de crónicas da autoria de António José Borges. A obra compõe-se de 128 páginas, um volume dividido em dois capítulos intitulados: “Onde nenhuma coisa se perdeu” e “Ecos do Oriente”.

Em modo de crónicas literárias, no livro *Peito à Janela sem Coração ao Largo*, o autor apresenta ao leitor a experiência de um percurso de viagens e digressões físicas e interiores que se adunam à consciência da alteridade e à sensibilidade perante o exotismo dos lugares representados.

É um facto que a crónica é um género híbrido a que assiste a literariedade, mas indissociável da escrita jornalística, pela relação de implicação direta que possui com o real. Disso se dá conta o próprio autor, quando, em metatexto, considera que “a crónica cumpre sempre o seu propósito quando exercita a ousadia de misturar géneros ou tipos de escrita” (p. 73). Na verdade, a crónica enquanto género cresceu envolta de uma ambiguidade entre o ficcional e o real, a meio caminho entre a reflexão pessoal, o ensaio e o retrato do circunstancial, do concreto palpável, utilizando uma linguagem clara, objetiva e abordando os aspetos mais simples do quotidiano. Disso são exemplos, no livro, a viagem num comboio suburbano em Paris (p. 15) ou a companhia de Rifada Aurélia, “a criança indonésia de dois anos de idade. Encantadora. Com os seus olhos negros” (p. 31), que embarca no mesmo avião do autor destas crónicas na ilha indonésia das Flores.

A dimensão icástica do real é representada nas deambulações efetivas do seu autor ligadas aos lugares: Díli, Aiassa (em Timor-Leste), Oecussi, “enclave

timorense no lado indonésio da Ilha de Timor” (p. 75); a Ilha das Flores, na Indonésia, Hong-Kong com a sua vida agitada, ou Macau com o seu “pôr-do-sol” (p. 47). Mas o real é também traduzido pelo relato dos costumes, cujo exotismo se vislumbra desde o título dado pelo autor à segunda parte da obra “Ecos do Oriente” (p. 59). Cita-se, a propósito de costumes, o exemplo da crónica relativa à “*nona*”, mulher jovem ou mesmo concubina e o seu relacionamento com os homens, que o cronista constata, sem especificar ou tomar partido na questão dos *mores* ou dos direitos da mulher. É, como afirma, um dos “documentos sociológicos” (p. 76), “um dos lados da sociedade local e uma janela para o mundo timorense” (p. 75). Este é um costume que, no texto, surge embelezado pelas reflexões do artista ou do esteta da palavra.

Na relação que as crónicas de A. J. Borges têm com a realidade, além dos espaços e das pessoas com os costumes inerentes a uma determinada memória coletiva, sobressai também o património de um povo, quer material (e.g., os monumentos e as paisagens, alguns dos quais fotografados) quer imaterial, designadamente, as crenças e lendas. Tome-se como exemplo a crónica relativa à lenda de Aiassa sobre a ligação que existia in *illo tempore* entre o Céu e a Terra, ligação que foi cortada devido a uma distração da mulher (pp. 37-38).

Um aspeto que, indubitavelmente, não é descurado na obra é a relação da instância narradora com o quotidiano, determinando fortemente uma inclinação para a existência de um foco narrativo na primeira pessoa, onde se evidencia a compreensão do ambiente social que a crónica, enquanto género textual, pressupõe. Além de hibridismo, de brevidade, de ambiguidade, sobressai na obra a passagem do tempo, num registo diacrónico que vai de 2007 a 2016, mas a linearidade cronológica é – aqui e além – substituída pela alternância temporal entre passado e presente. Só que se encontram estas características (específicas da crónica), não sob a fugacidade própria dos textos de imprensa, mas, pelo contrário, enquadrada em nítidos contornos de intemporalidade, marca essencial do texto literário. Efetivamente, através de uma focalização autodiegética, o narrador descreve o quotidiano das suas deambulações e viagens pelo Oriente, transfigurando o real pela memória, pela imaginação e pela reflexão. É, pois, esta capacidade que o autor tem de apresentar uma realidade outra que faz com que as suas crónicas entrem no domínio do texto narrativo literário. Sublinha-se a contemplação de um espaço habitado por pessoas que, pela escrita, se torna num outro espaço e em outras figuras humanas, aureolados ou transfigurados – os espaços e os homens – pela ficção que a vertente cronística sempre encerra.

Pensar sobre as crónicas de António José Borges é também refletir so-

bre o resto da sua obra, principalmente no que diz respeito aos “mapas do humano”, para utilizar a expressão feliz de Nuno Júdice em outro contexto. Com efeito, o que se observa nestas crónicas não é mais do que um ato de contemplação sobre o que nós somos enquanto Humanidade. Daí a permanente poetização do real que uma primeira pessoa narrativa, nem sempre coincidente com a voz do escritor, se propõe atingir. Esse real é povoado não por heróis dotados de alguma especificidade superior, mas, pelo contrário, o que se releva nestas páginas são os outros heróis que vivem a inocuidade de um dia-a-dia sem horizontes de ambição heroica. Eis, pois, que os escritos reunidos neste livro se encaixam no conceito de *crónica* e os mesmos textos são fragmentos dum universo literário mais vasto que se constitui como *mito pessoal* do escritor.

A construção do texto, a sintaxe, o gosto pelo pormenor e pelas epígrafes em jeito de mote, a intensidade subjetiva que uma primeira pessoa narrativa confere ao universo diegético são elementos, entre outros, que situam as crónicas de António José Borges no domínio das peças completas (o paradoxo é intencional) dos vários desenvolvimentos literários do autor.

A obra *Peito à Janela sem Coração ao Largo* é, em suma, um conjunto de crónicas que descrevem experiências de viagem, o encontro do *Eu* com as práticas culturais do *Outro*. Trata-se de um universo novo, diferente, exótico, desafiador das cogitações do enunciador-narrador, que envereda pelos caminhos da reflexão individual. Nestes caminhos e deambulações no espaço e no tempo, António José Borges estabelece uma aliança empática com os outros povos, qualquer que seja a sua posição social ou idade, desde a criança ao líder Xanana Gusmão, num enquadramento cognitivo-emocional de afeto que envolve adesão e estranhamento da realidade encontrada. Daí o título *Peito à Janela sem Coração ao Largo*.

Consequentemente, o que estas páginas particularizam é também a atitude do escritor perante o mundo e a vida. Como diz António José Borges, a finalizar a obra, além das memórias ditas, “ficam as memórias que não são ditas” (p. 126). E “fica o futuro que sempre espera aquele que não se contenta em sobreviver, mas que sonha em viver e fazer o mundo girar” (p. 126).

As crónicas que integram o livro de A. J. Borges, não sendo díspares em relação ao *homo sociabilis* concreto que retratam, ramificam-se, no entanto, num outro sentido, evocando caminhos interpretativos mais indiciais, utilizando para isso uma linguagem alicerçada em contornos claramente literários.

*Peito à Janela sem Coração ao Largo* é, pois, um livro de prosa reflexiva literária que, pelo olhar e respeito da alteridade, é um “*Viva (a) o mundo*” (p. 53).